

A TEIA

DAVI

Francisco de Moraes Mendes

Curso de Comunicação Social
FAFICH

Apreendeu vendo as aranhas num canto escuro, enquanto as mãos passeavam o corpo. Apertando os seios até traspassar o gozo e cravar as unhas na dor. Correu mais uma vez os olhos em direção às aranhas. A fêmea cuidadosamente desmembrava o macho. Os olhos abriram-se fascinados e ela pensou em ordem, primeiro num pássaro de tonalidade inominável; depois numa rã; e no Jesuscristinho num presépio da infância. A fêmea saciada caminhou impune, saiu por baixo da porta. Seguiu-a arrastando-se no chão.

Deitou-se. A chita barata sobre o corpo. Arreganhou os dentes para nada, apenas um ruído vindo de fora. Ritmado, cresceu e transformou-se em passos. Aproximou e afastou. Ela olhou para o canto, a aranha morta.

Lembrou-se em ordem. As aranhas; as mãos dolorindo os seios pequenos, firmes; a aranha retalhando o macho e caminhando livre, dona de si e de um crime — a possibilidade maior do ser; e os passos. Foi o velho quem passou. O da tarde. Mas um grito arranhou fundo, gutural, e ela calou-se de pensar. Erguendo-se, foi escutar da porta. Nada, apenas o eco mordendo o fundo do corredor. Vieram outros gritos, assim se comunicam os animais, com grunhidos ou uivos. Uivou também e uma resposta veio da cela em frente. Uivou mais alto: o ar crispado de agudos entardeceu.

Meu nome é Débora, Rossana, ou Simone. Meu nome é um eco se pronunciado, mas não existe. Meu nome é um número, meu código é o líquido que precipita na veia o desfalecimento, a ausência. Meu nome tem dezoito anos e espero ver outras aranhas. Aí eu me rasgarei entre as pernas, me morderei em soluços, e em gozo serei mais que um nome — aquilo que é ser.

Pensar em ordem que hoje virá alguém à noite. Se não for o velho, talvez seja possível abrir as pernas, suspender a chita e gemer de prazer, não de angústia. Desfalecer de gozo, de outra dor morna que não a de ser a paciente da Ala B recolhida por periculosidade. «Você está a um passo de cometer um crime», disse o velho, os dentes amarelos. Mas se vier o moço —

Abriu os olhos, estava mais escuro, anoitecia. Cessaram os gritos, os lamentos. As marmitas resvalam nas portinholas. Uma mão entrega e outra desgrenhada recolhe. Comer a sopa reclusa, com nojo, com ódio, com fome. Com fome deixar para trás tudo aquilo úmido, viscoso; a viscosidade de ontem da sopa, o frio no estômago toda vez que senti-la fria pela garganta. A náusea. Mas lembrar da aranha devorando o macho, porque dele arranca tudo que pode. Pensar que o macho morto no canto pode crescer de repente e ser um cadáver — conquanto não seja o velho.

A portinhola aberta, uma voz grossa gritou: — Toma. Levantando-se, olhou fixadamente a mão que estendia marmita e colher. Quis apertar aqueles dedos, mordê-los, puxar o braço para dentro e levar a mão aonde pudesse ir o desejo. Conteve-se olhando a marmita. E engoliu seco seu ódio. Pegou sem dizer palavra, a portinhola fechou-se por fora, o ferrolho gemeu enferrujado e o ruído passou à próxima porta. Mordeu a esquadria da portinhola, cravou os dentes com força. Soltou ao sentir que os dentes se quebrariam. Tentou comer.

Ansiou pela treva total, indivisível. Lá fora a noite devia ser clara: um halo entrava pelas gretas do teto iluminando parte do catre. Demorava-se em ânsias entre uma colherada e outra. E logo o ruído recomeçou, primeiro distante, depois mais próximo. Esperou que aproximassem e saciava sua fome com outra espera, mais aguda. A portinhola novamente aberta, a mão ressurgiu. Mais um espectro escurecido que um pedaço de um ser. Estendeu

a marmita devagar, demorando o olhar na mancha estendida no buráco, projetando-se como uma sombra. Entregou e arreganhou os dentes. Não gemeu; olhou mórbida até que os passos se afastaram. Os dentes na esquadria até o escasso gosto de sangue.

Deitada correu os dedos pela nuca. Arranhando as espáduas abraçou a si mesma. Desfez a cruz dos braços entrelaçados e passou a mão sob a axila, rabiscando as costas. Voltando, deteve-se no seio. Mas havia de se poupar, porque estava próximo de ele chegar. Sentia o latejar entre as pernas e debruçou-se pensando rápido em ordem de se distrair. Um lago com gaivotas nas margens, o olho severo do pai, a mãe repreendendo os dedos de sondar cavidades, o olho azedo do professor. Uma parede, as unhas arranhando uma parede, lágrimas e gritos, a mão do pai apertando-a. Por fim a seringa, a ausência de sons. O escarro de ódio grudou-se na parede, junto ao primeiro uivo dolorido. Seria o concerto da nubente. Pulou do catre e chegou bem junto à porta. Esperou que os uivos se desgastassem. Depois uivou gutural, modulou em som seu cio de aranha. Tecida estava a teia.

Desceu a mão até a concavidade úmida. Apertou. Não haveria de demorar. As unhas da mão esquerda arranharam a palma direita. Estavam curtas, muito curtas. Há três dias vieram cortar. Ouvia um choro carente ao lado. Gritou leve, a outra voz respondeu entre soluços. Aos poucos foi resignando e o silêncio se abateu.

Muito quieta, espreitava os sons. Pequenos ruídos moram no ar, não existe o silêncio total. Pensar, será que faz barulho? Mas não devia ser, era outra coisa. Coisas pegajosas arrastando-se no chão. Aranhas, insetos menores e maiores. As paredes gemem noturnas, ou o sangue correndo nas veias não é mudo. Aquele som vinha de um fundo, de um dentro bem longe. Vinha intenso em sua diminuta proporção. Escutou algum tempo, até um ruído se sobrepor. Passos. Passos no corredor, apurou. Riu em silêncio, passos do moço. A presa caminhando em direção à teia.

E se em outra cela...? Levantando-se de súbito, dessa vez o grito foi rouco, grosso, um grito de domínio e fúria, de guerra. Que não obteve resposta. Ouvia-se apenas o morrer do eco e o barulho das chaves, o ranger pesado da porta. Vez ou outra um grito espatifado, depois um longo silêncio.



Aproximavam-se. Logo a chave girou, o ferrolho puxado gemeu, a porta aberta. Primeiro tremeu, depois suspendeu a chita e ficou assentada. Ele entrou com uma luz escassa em seu encaço. Em silêncio aproximou-se, ela notou o sobressaltado brilho dos olhos rumo às suas pernas. Num só impulso arrancou o vestido. Os seios se projetaram na parca zona de luz.

Ele olhou para trás, a seringa tremia na mão. O outro, que se aproximara, olhava faminto. Sem dizer nada, olharam cada movimento dela que, estirando-se no catre, aproximou os calcanhares das coxas e cadenciou o movimento. Ele estendeu a seringa para o outro e fez um gesto para que este se afastasse.

O ruído do zíper. Sentiu-o aproximar-se como um pássaro enfeitado pelas víboras do campo. As mãos grandes tocaram seu corpo. Na pele eriçada o toque áspero, viril. Espalmada, a mão percorreu seu ventre, subiu aos seios, os dedos rodeando os mamilos. Contorceu-se balbuciando que viesse logo. Ao peso dele procurando seu interior, sentiu em ordem a dor pesando nos seios; pesando no ventre; tocando o útero. Mordeu com força o lábio e sugou até sangrar.

O corpo dele crispou-se ao segundo orgasmo dela e, sentindo a contração que emitia as golfadas, ela enterrou os dentes na jugular, apertou o gosto quente do sangue na boca, o gosto da esquadria. O grito dele foi respondido pelo coro dopado das outras. O outro entrou de um salto e, sem entender o sangue esguichando, tornou-se uma estátua de mármore.

A mão áspera e suja de sangue tateou seu corpo, ela se soltou. As mãos procuravam seu pescoço, ela procurou com o olhar os olhos dele. O outro, recuperando-se, avançou para ela, que afastava as mãos sujas. Um chute no ventre atirou-a ao chão e caída ela rapidamente lamentava em ordem — não poder reter em si o membro, não poder esquartejá-lo, nem sair caminhando impune.